

**O discurso oficial brasileiro durante  
a II Guerra Mundial  
O Brasil se une para a Guerra<sup>1</sup>**

Fernanda dos Santos Bonet

Aluna do mestrado do Programa de Pós-Graduação em História  
PUCRS. Bolsista da CAPES.

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo verificar como a participação do Brasil na II Guerra Mundial foi abordada nos editoriais da revista “Cultura Política”. Apresenta um breve contexto histórico da época. Resgata as funções e atuações do Departamento de Imprensa e Propaganda e os objetivos da revista em estudo. Analisa alguns editoriais dessa publicação oficial. Conclui que nos textos verificados a atuação do Brasil no conflito mundial foi utilizada para sustentar o discurso da necessidade de união nacional, desviar a atenção da população dos problemas internos e justificar a ação abusiva do governo e dos militares em todos os setores sociais.

**Palavras-chave:** II Guerra Mundial. Estado Novo. Cultura Política.

O cenário mundial da década de 1930 é marcado por uma série de conflitos, que fazem parte do processo histórico que culmina com a II Guerra Mundial, apesar de aparentemente serem fatos isolados. O início da Guerra propriamente dita é atribuído à invasão da Polônia pela Alemanha, em 1º de setembro de 1939. No entanto, pode-se considerar que nesse ano houve a intensificação dos conflitos e que, em 1941, ocorreu a globalização da Guerra com a entrada oficial dos EUA e da União Soviética contra os países formadores do Eixo — Alemanha, Itália e Japão<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Artigo realizado a partir do trabalho de monografia O ESTADO NOVO E O OFICIALISMO DA IMPRENSA: A sustentação da relação de dominação nos editoriais da revista “Cultura Política”, defendido em junho de 2007 como pré-requisito para a conclusão do curso de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

<sup>2</sup> VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. *Segunda Guerra Mundial: histórias e relações internacionais*. 3 ed. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1989.

No Brasil, esse período é marcado por mudanças políticas, econômicas e sociais. Em 1930 Getúlio Vargas chega à presidência do Brasil, por ter sido o “líder incontestável do movimento de oposição”<sup>3</sup> (p. 25) que organizou uma “conspiração integral, destinada a tomar o poder pela rebelião armada”<sup>4</sup>(p.23). Vargas, inicia um período da história brasileira marcada pelo crescente intervencionismo federal em assuntos de diversas esferas da sociedade, pela centralização do poder nas mãos do presidente e pela tentativa de unidade nacional. Essas características do governo de Vargas atingem seu auge em 1937 com a promulgação da nova Constituição e a implantação do Estado Novo (1937-1945), que apresentava o corporativismo e a promoção da harmonia social dos diferentes grupos do país gerando a integração para a unidade nacional.

A política externa brasileira após a revolução de 1930, mantinha os EUA como o principal parceiro do país, mas se aproximava da Alemanha por questões econômicas. Para esses países o Brasil representava “um importante mercado fornecedor de matérias-primas e consumidor de produtos manufaturados”<sup>5</sup>. Vargas negociava com os dois lados, buscando maiores vantagens para o Brasil.

Devido aos conflitos europeus, os Estados Unidos lideraram, ao longo da década de 1930, diversos encontros interamericanos visando estabelecer acordos de cooperação entre os países vizinhos. Em 1933 foi anunciada pelo presidente Roosevelt a Política da Boa Vizinhança, utilizando a expressão *good neighbor* (mencionada pelo presidente Herbert Hoover em 1928), na qual a imprensa, o rádio, o cinema e a música disseminaram o *American way of life* pela América Latina e vice-versa, como forma de conquistar a opinião pública de cada país, aproximando-as econômica e politicamente<sup>6</sup>. Neste mesmo ano é assinado um tratado antibélico.

Firmado no Rio de Janeiro, a 10 de outubro de 1933, por seis países: Brasil, Argentina, Chile, México, Paraguai e Uruguai, o “Tratamento Antibélico de não agressão e de conciliação”

<sup>3</sup> SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo, 1930-1964*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

<sup>4</sup> Idem

<sup>5</sup> <http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/> acesso em 01 novembro 2007.

<sup>6</sup> TOTA, Antonio Pedro. *O Imperialismo Sedutor – a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

[. . .]com o propósito de condenar as guerras de agressão e as aquisições territoriais obtidas mediante conquistas pela força das armas<sup>7</sup>.

A Conferência de Buenos Aires, em 1936, merece destaque, pois foi quando ficou decidido que a ameaça a qualquer país americano seria entendida como uma ameaça ao conjunto das nações de todo o continente<sup>8</sup>. A Conferência Pan-Americana, realizada em Lima, em 1938, deixou transparecer, no seu programa de ratificação da solidariedade continental, o objetivo maior dos EUA de combater uma possível penetração do Eixo na América Latina<sup>9</sup>. Na 1ª Reunião de Consulta das Repúblicas Americanas, realizada no Panamá, em 1939, a neutralidade do continente frente ao conflito europeu foi mantida. Um ano depois, a Conferência de Havana “determinou que qualquer tentativa de um Estado não-americano contra a integridade ou inviolabilidade do território, soberania ou independência política de um Estado americano seria tomada como uma agressão a todos os demais<sup>10</sup>.”

As relações internacionais do Brasil com a Alemanha, por outro lado, vinham se estreitando desde 1935, através da compra de produtos brasileiros como o café e o algodão, o auxílio à caça aos comunistas e a aproximação da polícia de Filinto Müller com a Gestapo (SS, polícia nazista). Existia ainda, no Brasil, numerosa colônia alemã que recebeu influência política da Alemanha, na tentativa de exercer sobre ela um controle ideológico. Além disso, o modelo político do Estado Novo brasileiro aproximava mais esses dois países.

A condição de neutralidade do Brasil perante a guerra permitia a continuidade dessas relações, o que não agradava ao governo estadunidense, por questões econômicas e políticas (a posição geográfica do Brasil representava uma possível porta de entrada para o nazismo nas Américas).

No começo da guerra, as vitórias alemãs incentivaram o grupo fascista interno a se manifestar simpaticamente em relação ao Eixo e o próprio Vargas sentiu-se bastante respaldado para fazer um discurso discretamente favorável ao nazismo, quando das comemorações da Batalha do Riachuelo, em 1940, se bem que tal discurso não fosse tão discreto a ponto de não gerar mal-estar nos Estados Unidos, já então inclinado para a Inglaterra<sup>11</sup> ( p.96).

<sup>7</sup> MAIA, Jorge. O Brasil e o início da “política de boa vizinhança” em “*O pensamento Político do Presidente – Separata de Cultura Política*”. Rio de Janeiro: DIP, 1943.

<sup>8</sup> <http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/> acesso em 01 novembro 2007.

<sup>9</sup> SEITENFUS, Ricardo. *A entrada do Brasil na segunda guerra mundial*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

<sup>10</sup> Idem.

<sup>11</sup> LOPEZ, Luiz Roberto. *História do Brasil contemporâneo*. 9 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000.

Porém, o ataque japonês a Pearl Harbor em dezembro de 1941, fez com que os EUA entrassem oficialmente na guerra. O governo estadunidense e o governo alemão, assim, lutaram por um posicionamento do Brasil no conflito, enquanto Vargas continuava a negociar vantagens comerciais com os dois países. Dentro do próprio governo existia essa ambigüidade. O ministro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha, tinha tendências democratas e apoiava os EUA, enquanto o Chefe do Estado-Maior do exército, Góes Monteiro e o ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, admiravam o modelo autárquico e militarista das nações nazi-fascistas<sup>12</sup>.

O bloqueio do comércio marítimo com a Europa efetivado pela Inglaterra, no entanto, sinalizou que esse jogo de Vargas começava a acabar. Além disso, os Estados Unidos começavam a pressionar por uma posição brasileira diante da guerra, pois o país representava ponto estratégico de defesa das Américas, podendo se tornar importante base militar para batalhas no Atlântico Norte e uma linha de comunicação com o norte da África. Havia ainda as necessidades de matérias-primas e bens manufaturados, vitais para suprir os esforços bélicos, que o Brasil poderia fornecer<sup>13</sup>.

Ocorre, então, a Reunião dos Chanceleres na capital do Brasil, em janeiro de 1942, onde o governo estadunidense cobrou o cumprimento dos acordos de solidariedade continental firmados anteriormente. Dias antes dessa reunião, Getúlio Vargas escreveu em seu diário: “das minhas conversas, do que observo, fico apreensivo. Parece-me que os americanos querem nos arrastar à guerra, sem que isso seja de utilidade, nem para nós, nem para eles<sup>14</sup>.” Apesar dessas divagações de Vargas, no dia 28 de janeiro, no encerramento da Conferência, foi anunciada oficialmente a decisão de romper relações diplomáticas com o Eixo. Apenas Argentina e Chile não aderiram ao acordo. Getúlio Vargas, mais uma vez em seu diário, aponta a forte pressão estadunidense para essa tomada de decisão: “A maioria dos países americanos que adotaram essas soluções de declarar guerra ou romper relações não o fez espontaneamente. Foram coagidos pela pressão americana<sup>15</sup>” (p. 452).

Essa pressão, no entanto, é convertida em benefícios para o desenvolvimento industrial do Brasil. A partir da declaração oficial, Vargas recebe dos EUA recursos para a

---

<sup>12</sup> SANDER, Roberto. *O Brasil na mira de Hitler: a história do afundamento de navios brasileiros pelos nazistas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

<sup>13</sup> Idem

<sup>14</sup> *Getúlio Vargas: Diário*, editado e publicado em 1995 pela Fundação Getúlio Vargas, volume II, p. 451.

<sup>15</sup> Idem.

criação da Companhia Vale do Rio Doce e para a siderurgia brasileira em Volta Redonda; o comprometimento para melhorar a rede ferroviária brasileira, fabricar motores e recursos para produtos químicos e siderúrgicos; o fornecimento de armas e da garantia do preço do café e do petróleo; bem como a continuidade das ações da Política da Boa Vizinhança coordenadas por Nelson Rockefeller, através do Office of Inter-American Affairs — OIAA (organização sustentada pela Fundação Rockefeller),<sup>16</sup>

A reação alemã, porém, não demorou a chegar. Ao longo de 1942, ocorreram diversos ataques dos submarinos alemães aos navios brasileiros, ocasionando perdas humanas. O anúncio da entrada do país na II Guerra Mundial ocorre em agosto desse ano, após algumas manifestações públicas no Rio de Janeiro e São Paulo, cobrando uma atitude do governo frente a esses ataques.<sup>17</sup>

O Brasil participou do conflito permitindo que os Estados Unidos construíssem pistas de pouso em todo o país e através do envio de 25 mil soldados para lutar na Itália<sup>18</sup>.

Além dos benefícios econômicos, a participação do Brasil na II Guerra Mundial trouxe algumas oportunidades de realizar a manutenção da forma de governo do Estado Novo. Pode-se realizar essa verificação observando a produção simbólica realizada pelos intelectuais do regime (cinejornais e revistas) e pelo próprio presidente (discursos).

A criação e distribuição desse material de comunicação oficial eram coordenadas pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Criado em 1939 “[. . .]o órgão deveria ser um grande mecanismo de promoção da figura do chefe do Estado, das autoridades que o cercavam e das iniciativas políticas então implementadas, produzindo e divulgando o noticiário oficial e supervisionando todos os instrumentos de comunicação de massa<sup>19</sup>” (p. 126). O DIP, assim, coordenava a comunicação social do Governo, propagando os valores do novo regime, censurando e eliminando as idéias indesejáveis, buscando realizar a uniformidade da mensagem.

Um dos instrumentos utilizados para atingir os objetivos desse departamento foi a edição de livros, de revistas, de folhetos e de cartazes. A publicação “Cultura Política” é criada em 1941 nesse contexto e conforme coloca Gomes (p.127), “a revista nascia como a

<sup>16</sup> LEVINE, Robert M. *Pai dos Pobres? O Brasil e a era Vargas*. São Paulo: Companhia das Letras, p.81-112, 2001.

<sup>17</sup> Idem

<sup>18</sup> [http://www.cpdoc.fgv.br/nav\\_historia/htm/anos37-45/ev\\_brnaguerra001.htm](http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/anos37-45/ev_brnaguerra001.htm) acesso em 24 abril 2007.

<sup>19</sup> GOMES, A. M. C. *História e historiadores: a política cultural do Estado Novo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999.

voz oficial da proposta estado-novista”. Segundo Goulart<sup>20</sup> (p.89) foi a revista “de maior fôlego, reunindo em número significativo a nata da intelectualidade oficial”, voltada diretamente para a produção do discurso, servindo como ponto de referência para intelectuais incumbidos de divulgar o regime e para o corpo burocrático do Governo, que encontrava nela as justificativas dos planos e ações do Estado nos diversos setores. Visava informar, assim, a elite intelectualizada, que a estudava sistematicamente.

Analisando, portanto, os editoriais dessa publicação é possível verificar que a II Guerra mundial é um tema presente.

Na edição do mês de setembro de 1941 o editorial intitulado “A imprensa e o Exército Nacional<sup>21</sup>” traz em seu texto repetidamente as palavras “ameaças”, “riscos”, “perigos”, “assustadoramente”, “grave” e “golpe”, os relacionando com a Guerra e criando uma atmosfera de terror em torno do conflito. Essa associação parece querer justificar a ação sem limites dos militares em todos os setores sociais. O apelo à união do povo contra a Guerra também fica explícito, em diversas partes desse artigo, principalmente apresentando um inimigo externo comum a todos os brasileiros. Segue um exemplo:

A nossa preocupação constante deve ser prevenir e alertar todos os rincões patrióticos contra os engodos e as artimanhas daqueles que insidiosamente, procuram desunir a família brasileira, no propósito de afrouxar-lhe a capacidade de reação, para que, assim enfraquecida e vilipendiada, se torne presa fácil das forças a serviço das quais andam esses agentes de corrupção e avassalamento.

No mês seguinte o discurso realizado por Getúlio Vargas<sup>22</sup> em comemoração a data da independência brasileira é publicado no espaço do editorial apresentando questões sobre o envolvimento do Brasil no conflito mundial. Novamente temos o pedido de união nacional para o combate de um inimigo externo e o alerta de que isso só ocorrerá se houver o esquecimento das diferenças existentes na população brasileira e a confiança no governo. Além disso a possível participação do Brasil na II Guerra Mundial é colocada como de interesse e responsabilidade de toda a nação.

---

<sup>20</sup> GOULART, Silvana. Sob a Verdade Oficial: Ideologia, propaganda e censura no Estado Novo. São Paulo: Marco Zero, 1990.

<sup>21</sup> FONTES, Lourival e Pires, Mário Ari. A imprensa e o Exército Nacional. *Cultura Política*, n° 07, p. 1-10, 1941.

<sup>22</sup> VARGAS, Getúlio. Oração de 7 de setembro. *Cultura Política*, n° 08, p. 7-9, 1941

Outro discurso publicado pela revista<sup>23</sup> foi o do 10 de novembro (data do aniversário do regime) também proferido por Vargas. Nesse editorial de dezembro de 1941 observamos que há uma construção racional de argumentos que justificam as inclinações de Getúlio em apoiar os Estados Unidos no caso da entrada desse no conflito mundial. Há também, mais uma vez, a justificativa das ações abusivas dos militares como necessárias ante a ameaça de um inimigo externo.

Um ano depois (novembro de 1942), quando o Brasil já havia declarado oficialmente estado de guerra contra Alemanha e Itália, Almir de Andrade, editor da revista, escreve um editorial<sup>24</sup> que explica alguns pontos da constituição de 1937. Não há uma referência direta à II Guerra Mundial, mas há o desenvolvimento de um conjunto de argumentos lógicos para explicar as diferenças entre Brasil e Alemanha e definir conceitos como liberalismo, democracia, governo forte (o brasileiro) e ditadura (o alemão). É possível entender esse editorial como um esforço do editor em apresentar o Estado Novo como o regime de governo ideal para o Brasil e, principalmente, como uma democracia, demonstrando coerência no apoio aos aliados no conflito mundial.

O editorial<sup>25</sup> de dezembro de 1942 apresenta os discursos que Getúlio Vargas realizou em homenagem aos cinco anos da implantação do Estado Novo. O presidente falou no Ministério da Marinha, no Ministério da Aeronáutica, no Ministério da Guerra (aos militares) e no Teatro Municipal (aos representantes da administração civil, das classes produtoras e trabalhistas). Desse conjunto de discursos observam-se o esforço em valorizar positivamente esses setores militares mostrando-os como capazes de defender o país na Guerra, logo, merecedores da confiança de toda a população. No discurso realizado no Teatro Municipal encontramos novamente o apelo à união nacional para vencer a Guerra:

Confio em que, com o eficiente e pronto auxílio do povo, até agora exemplar no respeito às ordens das autoridades e na cooperação para o esforço extraordinário, possamos reduzir os sacrifícios e atravessar o conflito fortalecendo-nos, quer pela coesão maior da consciência (sic)

<sup>23</sup> VARGAS, Getúlio. O discurso de 10 de novembro. *Cultura Política*, n° 10, p. 7-9, 1941.

<sup>24</sup> ANDRADE, Almir de. O regime de 10 de novembro e a ordem política e constitucional. *Cultura Política*, n° 21, p. 7-12, 1942.

<sup>25</sup> VARGAS, Getúlio. Os cinco anos do Estado Nacional na palavra do Presidente Vargas. *Cultura Política*, n° 22, p.7-18, 1942.

nacional, quer pela ampliação e diversificação das culturas agrárias e do parque industrial.

Além disso, há uma construção racional com o uso de argumentos que demonstram os motivos pelos quais a sociedade deveria confiar no governo.

Em 1943, as comemorações do dia do trabalhador foram marcadas pelo discurso do presidente Vargas e do ministro do trabalho Alexandre Marcondes Filho. A revista “*Cultura Política*” reproduz essas falas no espaço do editorial<sup>26</sup> em junho do mesmo ano. Nelas encontramos uma valorização positiva dos trabalhadores através de elogios à classe que são destacadas como fundamentais ao auxílio brasileiro na II Guerra Mundial. O papel do Brasil nesse conflito também é apresentado como de extrema importância para a vitória dizendo que isso é fruto da união dos trabalhadores. Explica, ainda, que toda a população é responsável no combate ao inimigo avisando as autoridades sobre espíões e sabotadores. Por fim traça as características dos pseudos-patriotas que só pensam nos próprios interesses.

No mês seguinte, o editorial<sup>27</sup> da revista é o discurso que Getúlio Vargas realizou em comemoração ao dia da independência nacional. Ao se referir à II Guerra Mundial o presidente destaca que a colaboração da população – apoiando as atitudes do governo, se mantendo unida acima das suas diferenças, não se ocupando com problemas internos – é fundamental para que os aliados vençam a Guerra. Há também o desenvolvimento de argumentos que justificam essa forma de governo utilizada no Estado Novo pelo terror do conflito mundial. Getúlio faz ainda a apresentação das características diferentes entre os países que compõem o Eixo e o Brasil; destaca negativamente o pensamento da oposição e apresenta uma valorização positiva da participação da população no alistamento para lutar na Europa.

Getúlio realiza um discurso na Associação Brasileira de Imprensa que é reproduzido como editorial<sup>28</sup> em maio de 1944. Nessa fala observamos que há uma ratificação da necessidade de todos se unirem para se obter a vitória no conflito mundial e por isso não haveria como se debater os problemas internos brasileiros.

---

<sup>26</sup> VARGAS, Getúlio e Filho, Alexandre Marcondes. Discurso de 1º de maio e A saudação do Ministro do Trabalho. *Cultura Política*, nº 28, p. 7-17, 1943.

<sup>27</sup> VARGAS, Getúlio. O discurso de 7 de setembro. *Cultura Política*, nº 33, p. 23-33, 1943.

<sup>28</sup> VARGAS, Getúlio. Discurso na A.B.I.. *Cultura Política*, nº 40, p. 7-13, 1944.

Por fim, o editorial<sup>29</sup> da edição de setembro de 1944 reproduz o discurso realizado por Getúlio Vargas na ocasião das festividades do dia 07 de setembro. A estrutura dessa fala é composta por argumentos que visam destacar os esforços do governo para ter avanços econômicos apesar da II Guerra Mundial e em amenizar as dificuldades que esse conflito trouxe à vida da população. Há a descrição da participação do Brasil na Guerra como sendo grandiosa e justifica o apoio dado aos EUA: união das Américas; união de forças. O presidente destaca que quando o conflito mundial acabar ocorrerá uma consulta popular, mas pede que a população continue unida, pois o Brasil terá participação importante no pós-guerra. Ou seja, mais uma vez há a valorização do estado de guerra visando desviar a atenção da população das necessidades internas.

A partir da verificação desses editoriais publicados na revista “Cultura Política” é possível traçar algumas conclusões. Consideramos que houve uma utilização da participação do Brasil na II Guerra Mundial para sustentar o discurso da necessidade da união nacional acima das diferenças existentes entre os grupos que compunham a população brasileira; esse conflito também serviu como pretexto para desviar a atenção da população das reivindicações e dos problemas internos e concentrá-la na necessidade de união dos esforços para vencê-lo. Além disso, as ações abusivas do governo e dos militares foram apresentadas positivamente e justificadas como esforço em combater o inimigo que tentava se infiltrar na sociedade brasileira.

### **Referências Bibliográficas**

Centro de Pesquisa e Documentação da História Contemporânea do Brasil. A Era Vargas – dos anos 20 a 1945. Disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/index.htm>

GOMES, A. M. C. *História e historiadores: a política cultural do Estado Novo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999.

GOULART, Silvana. *Sob a Verdade Oficial: Ideologia, propaganda e censura no Estado Novo*. São Paulo: Marco Zero, 1990. 175p.

---

<sup>29</sup> VARGAS, Getúlio. Discurso de 7 de setembro. *Cultura Política*, nº 44, p. 7-12, 1944

LEVINE, Robert M. *Pai dos Pobres? O Brasil e a era Vargas*. São Paulo: Companhia das Letras, p.81-112, 2001.

LOPEZ, Luiz Roberto. *História do Brasil contemporâneo*. 9 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000.

MAIA, Jorge. O Brasil e o início da “política de boa vizinhança” em “*O pensamento Político do Presidente: separata de Cultura Política*”. Rio de Janeiro: DIP, 1943.

SANDER, Roberto. *O Brasil na mira de Hitler: a história do afundamento de navios brasileiros pelos nazistas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

SEITENFUS, Ricardo. *A entrada do Brasil na segunda guerra mundial*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo, 1930-1964*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p.21-89, 1982.

TOTA, Antonio Pedro. *O Imperialismo Sedutor – a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VARGAS, Getúlio Dornelles. *Getúlio Vargas: diário*. V.2 Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1995

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. *Segunda Guerra Mundial: histórias e relações internacionais*. 3 ed. Porto Alegre: Editoria da Universidade, 1989.